



Eles querem destruir a política

Sobre a neutralização da política.

Se o conflito na política é incompatível com a aniquilação do adversário, boa parte das iniciativas de petistas, democratas, sandinistas, leninistas e *tutti quanti* não são lá muito políticas. Acontece que a bibliografia que gerou o arcabouço teórico desses movimentos explica a natureza de suas ações, e não são políticas. Lenin escreveu sobre filosofia, direito, luta de classes e táticas de revolução armada — e deixou muito claro que os instrumentos que as instituições políticas usam para governar, fundar partidos e fazer valer a vontade do povo, deveriam ser instrumentalizados pelos revolucionários.

Para Marx e Engels por exemplo, o Estado burguês deveria ser instrumentalizado para a ditadura do proletariado e depois destruído — o instrumento de governo político Europeu serviria a causa socialista e comunista, para logo depois ser destruído e dar origem ao comunismo, onde não haverá mais Estado, governo ou classes sociais. A questão é que os socialistas não querem fazer parte do jogo político, não tem a intenção de cuidar dos

pobres, combater a fome ou qualquer coisa do gênero — o que importa é a tomada dos instrumentos de poder, independentemente de quais sejam eles no período histórico, localidade geográfica, cultura e etc. A terceira internacional comunista (Komintern), conferiu publicidade a doutrinas muito claras quanto a preparação do partido comunista para a revolução: “A maioria dos Partidos Comunistas, assim como a Internacional Comunista e o conjunto do proletariado revolucionário do mundo inteiro, concorda, nas condições de sua luta, que devem lutar contra a burguesia dominante. A vitória sobre ela, a conquista do poder arrancado à burguesia, constitui para esses partidos e para sua Internacional o objetivo principal.”

A terceira internacional também estabeleceu a doutrina do “partido ilegal”, onde a estrutura partidária deve ser instrumentalizada para sustentar uma organização de guerrilha ligada a internacional

comunista:

“As variações funcionais podem acontecer segundo as diferentes fases da revolução na vida corrente de um Partido Comunista. Mas, no fundo, não há diferença essencial na estrutura que devem se esforçar para obter um partido legal e um partido ilegal. (...)”

Os Partidos Comunistas legais dos países capitalistas em geral ainda não compreenderam suficientemente como sua a tarefa de preparação para os levantes revolucionários, para o combate pelas armas e, em geral, para a luta ilegal. Frequentemente se constrói a organização do Partido tendo em mira uma ação legal prolongada e segundo as exigências das tarefas legais cotidianas. Nos Partidos ilegais, ao contrário, frequentemente não se compreende que é necessário utilizar as possibilidades da ação legal e construir o Partido de tal sorte que tenha uma ligação viva com as massas revolucionárias.”

Claramente o partido comunista entra no jogo político visando a

destruição da política, e supostamente da classe que está no poder — portanto, as ferramentas do jogo político, democrático e partidário são apenas meios de ação para o fortalecimento do partido. Outros agentes que também visam a destruição do político, são os grandes oligopólios, que tecnicamente alguns chamam de “agentes de mercado”. Os grandes oligopolistas querem a neutralização das instituições políticas nacionais para obterem o controle total dos estruturas do mercado, como ambicionou Gladstone (ministro das finanças da Inglaterra) em 1852: “O governo por si não deveria ser um poder substantivo em matéria de finanças, mas deixar o poder do dinheiro agir soberana e inquestionavelmente.”

Ao fim e ao cabo, a grande questão do nosso tempo é: quem está disposto a fazer o jogo político? Quem realmente quer a saúde das instituições e quem quer as instrumentalizar? Eis o drama dos nossos dias.